

Noticias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

O novo Orçamento

Foi publicado, ao encerrar-se o ano findo, o orçamento geral do Estado para o ano corrente—1936. E, como todos os orçamentos da gerência do sr. dr. Oliveira Salazar na pasta das Finanças, o que se apresentou para o ano corrente prevê um saldo de cerca de dois mil contos—o que simplesmente quer dizer que o orçamento está equilibrado.

Sabido como o sr. dr. Salazar faz as previsões orçamentais, calculando as receitas pelo que está assegurado e as despesas pelo que em verdade são, podemos compreender em que bases seguras assentam as previsões orçamentais deste ano.

Têm muito valor e são de registar estas suas palavras no relatório acompanha o orçamento, com respeito às despesas:

«As despesas obrigatórias, de montante rigorosamente determinável, são fixadas sempre no seu montante exacto, e quanto às outras tem os serviços de regular-se pelo que pode ser concedido, a não ser que disponibilidades obtidas de outra forma permitam reforçá-las. Disto se deduz que à parte circunstâncias de excepção, se pode contar com a segurança das previsões orçamentais».

Quer dizer: os encargos obrigatórios do Estado contam em primeiro lugar e—para esses—a dotação é considerada inadiável—inamovível.

A dotação dos outros serviços considerados facultativos, como encargos de obras, melhoramentos, etc., etc., pode, perante um ano mau de rendimentos, ser reduzida às proporções das receitas.

E' tão rigorosa esta fórmula de administrar, que não há possibilidade do encerramento de contas com «déficit». De resto, a administração do sr. dr. Salazar na pasta das Finanças acompanha tão rigorosa e atentamente a efectivação das receitas por ele previstas, que as obras efectivam-se, os melhoramentos realizam-se, a marinha de guerra e o exército armam-se, todas as conveniências do serviço público são atendidas—e as contas dos exercícios fecham com saldos que se podem considerar, e se consideram, em cifra de cem a duzentas vezes, pelo menos, a mais, do que foram previstos nos orçamentos respectivos.

Para aqueles que imaginam ter sido aumentada enormemente a dívida pública, achamos desmentido formalmente o facto de no orçamento para o corrente ano se achar inscrita uma diminuição de encargos, relativamente a ela, no montante superior 14.200 contos. E' que, continuada a política do saneamento financeiro e da redução da taxa de juros—os encargos diminuem embora a dívida pública não tivesse diminuído...

O que o Estado hoje deve, sabe como e quando pagará. A dívida fluctuante foi totalmente saldada—e esta era um grande, se não o maior estorvo do equilíbrio das contas.

Se outros serviços o país não tivesse ao sr. dr. Oliveira Salazar, e muitíssimos lhe deve, devia-lhe, pelo

menos, este método posto na administração financeira do Estado—o de satisfazer os encargos obrigatórios e de realizar obras e melhoramentos que não produzem receita,—por força das receitas normais do Tesouro.

Isto, pelo menos, é que os próprios adversários da Situação têm de reconhecer e de confessar—sem evasivas.

Apesar da crise económica em que temos vivido, é de notar que as despesas ordinárias por todos os Ministérios se apresentam rigorosamente calculadas e diminuídas em perto de 10 mil contos, comparando-as a 1934-35, e podemos estar certos de que todos os serviços foram exactamente dotados.

As despesas extraordinárias, inscritas no orçamento para este ano, mostram quantos cuidados, atenção e interesse merecem ao Governo do Estado Novo os diferentes serviços— a Bem da Nação.

150.000 contos para rearmamento do exército;

44.000 contos para reorganização da Marinha de Guerra e aeronáutica naval;

20.000 contos para obras de hidráulica agrícola;

97.000 contos para pórto, incluindo já o da vizinha Póvoa de Varzim;

15.000 contos para se começar a execução do plano geral da rede telegráfica e telefónica, que serão estendidas a todo o país;

20.000 contos para edificios escolares;

4.000 contos para o Estádio de Lisboa;

3.000 contos para casas económicas;

48.800 contos para edificios públicos;

5.000 contos para Hospitais escolares;

10.000 contos para melhoramentos rurais;

20.000 contos, dotação extraordinária para estradas.

Juntando a estas outras mais pequenas verbas, as despesas extraordinárias estão dotadas com a bonita verba de 484.300 contos!

Continua assim o Estado Novo, a sua obra patriótica—eminentemente nacional.

E para todas estas despesas, não conta o sr. dr. Oliveira Salazar ter de recorrer ao crédito. Não será contraído nenhum empréstimo!

E é possível fazê-lo, di-lo éle no relatório que antecede a lei orçamental: «A soma dos saldos de gerência desde 1928-29 a 1933-34 (não inclue, portanto, o que possa vir a revelar-se na gerência de 1934-35) atingia 841.000 contos, dos quais se gastaram até ao fim de 1933-34, 123.500 contos; e em 1934-35 até 31 de Dezembro de 1935, 43.900 contos, e mesmo que até 14 de Fevereiro se façam pagamentos no valor de 2.600 contos,—os gastos por conta daqueles saldos somam 170.000 contos, ficando, portanto, o saldo de 671.000 contos—cifra mais que suficiente para satisfazer as despesas extraordinárias.

Salazar é, em todo o sentido, um grande ministro das finanças; um grande administrador; um grande chefe de governo—um grande Português!

Auxiliá-lo, trabalhar com éle, escutar-lhe a voz de comando e aprender dele as suas virtudes cívicas e morais e a sua dedicação ao progresso do país—é dever indeclinável de todo o português que se preza de o ser.

Mário Silveira

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

«Informacion», interessante revista quinzenal e órgão oficial da Câmara de Comércio de Bilbau, no seu número de 18 de Dezembro passado consagra um extenso artigo de três páginas ao estudo da «Organização Político-Económica da República Portuguesa», devido á pena do brilhante jornalista Júlio de Lazurtegui. Promete o autor continuar, em números subsequentes, a sua análise aos aspectos capitais da actual organização portuguesa, anunciando já um novo estudo sobre as Casas do Povo. Neste, trata em especial do «Decálogo do Estado Novo» (que transcreve e traduz, na íntegra) e da doutrina corporativa, á qual dedica judiciosos e favoráveis comentários.

Reproduzimos, a seguir, os dois primeiros períodos do introito do curioso trabalho de Júlio de Lazurtegui, pelos quais melhor se poderão apreciar os intuitos que animam o autor.

«Entre as fases mais interessantes apresentadas pelo cenário europeu ao juízo dos que apreciam a sério a marcha de uns e outros povos, através destes malfadados tempos, sobressai, de há pouco tempo a esta parte, a modalidade político-económica de Portugal, a Nação nossa irmã.

E esse modo peculiar de uma colectividade eminente, de excepcionais méritos na história, como a lusitana, não pode deixar de atrair, no resto da Península Ibérica, uma atenção profunda e altamente simpática, a qual o cronista, por sua parte, procurará traduzir numa extensa dissertação, totalmente objectiva expoente dum feixe das mais salientes características da sua nova fórmula de vida, sobre os temas: o Decálogo Nacional e o corporativismo, as Casas do Povo e a obra financeira do já sobejamente conhecido, o ilustre dr. Oliveira Salazar».

«União! União! União!»

No artigo com este título escreve o considerado bi-semanário o «Figueirense»:

Houve quem não ligasse a merecida atenção á reunião das Comissões Distritais da União Nacional, que há dias se efectuou em Lisboa, sob a presidência do Chefe do Governo.

E' que os homens que nela tomaram parte e usaram da palavra no sentido de ficar bem vincada a orientação de tal organismo, o fizeram com elevação e inteligência, sem gritos nem murros, que eram apanágio dos parlamentares de triste memória, mas com a serenidade própria dos fortes, dos que sabem o que querem e para onde caminham.

Ainda bem.

Depois de salientar a importancia das reuniões ultimamente realizadas acrescenta:

Não se pense que a União Nacional tem por fim levar á urna, quando isso é necessário, o maior numero de eleitores. O seu fim é muito outro, embora não deva desprezar os trabalhos eleitorais que constituem uma das secções dos trabalhos a realizar.

O seu fim principal é preparar a opinião publica para receber bem as reformas que forem sendo decretadas, em obediência ao programa do Chefe que é vasto e visa fins patrióticos que estão bem patentes.

E conclue:

Portanto, união e disciplina, e muito cuidado com as manobras dos pseudo amigos dos que se infiltram para conseguirem os seus fins sem terem primeiro dado provas de ter o espirito preparado para bem servir.

A união afirma-se pela fidelidade á doutrina e pela disciplina aos chefes.

A NOVA MARINHA DE GUERRA

Pertencem á marinha de guerra portuguesa os seguintes novos barcos mandados construir pelo Governo da Ditadura Nacional, em número de 14, em que se empregaram muitos milhares de contos, saídos das economias feitas nas despesas públicas:

Avisos de 1.ª classe:—«Afonso de Albuquerque» e «Bartolomeu Dias»;

Avisos de 2.ª classe:—«Pedro Nunes», «Gonçalo Velho», «Gonçaves Zarco» e «Infante D. Henrique»;

Submarinos:—«Delfim», «Espadarte», e «Golfinho» e

Contra torpedeiros:—«Vouga», «Lima», «Dão», «Tejo» e «Douro».

Está completo o primeiro grupo de barcos de guerra, do plano da reorganização naval. E o Estado Novo continuará a executar o restante do plano a paz da reorganização da defesa nacional e do rearmamento do nosso exército.

O Estado Novo cumpre o que promete—em tudo. E deve saber-se que tanto a reorganização da armada de guerra, como o rearmamento do exército e a nova esquadra aérea, são obtidos sem o Estado ter recorrido ao empréstimo: são fruto das economias feitas pelo Governo de Salazar.

ECOS & COMENTARIOS

DE TODA A PARTE

Doutrina inconfundível

O «Distrito de Leiria», semanário do Estado Novo, escreveu:

«A confusão é, ás vezes, uma desculpa e até um pretexto.

Dá-se nas questões internacionais, e frequente entre os indivíduos que se sabem aproveitar da... diplomacia.

Para evitar confusões, vamos dizer que a União Nacional é uma organização que tem por fim propagar a doutrina e defender os princípios do Estado Novo Corporativo, dando assim corpo á ideia do redentor movimento do 28 de Maio, levado a efeito pelo glorioso Exército de Portugal.

Temos uma doutrina—disse Salazar—e somos um organismo de apoio á força armada.

Por isso mesmo a União Nacional não deve confundir-se com a união de indivíduos que querem tirar partido dos seus casos pessoais.

Pode haver confusões entre os indivíduos, mas a doutrina da União Nacional é inconfundível porque assenta em bases indestrutíveis do nacionalismo.»

O «Diário da Manhã» comentou, muito bem:

«A União Nacional não existe para a satisfação do amor-próprio de alguns. Ela é incompatível com qualquer manifestação de caciquismo liberal. Tende a unir e não a dividir. Defende o Bem Comum e não interesses particulares. Só é da União Nacional quem prova pelos seus actos que pertence ao seu espírito.»

«Campanhas»

O sr. dr. Francisco Machado, ilustre deputado da Nação, escreve no semanário de Alenquer «A Verdade», de que é director:

A propósito da contribuição predial algo se escreveu e muito se disse. O que se escreveu e o que se disse tinha em mira citar mais uma razão de queixa contra a política de Salazar.

Fizeram-se cálculos tenebrosos com os quais se demonstrava inludivelmente o aumento fantástico das contribuições, e com essa demonstração se criava nos espíritos dos contribuintes o temor ou a revolta, mas de qualquer modo má disposição.

S. Ex.ª o sr. Ministro das Finanças, publicou uma límpida nota, claramente explicativa das suas intenções, que deveria ter bastado para tranqüilizar os interessados, mas nem ela bastou para refrear a propaganda insistente que pretendia fazer acreditar que havia a intenção de aumentar o rendimento dessa contribuição.

S. Ex.ª acaba de decretar a nova taxa da contribuição predial que ficou reduzida a mais de metade.

Todos os boateiros assanhados contra a elevação da contribuição, emmudeceram. Não tem agora uma palavra para reconhecer o seu erro ou a intenção justa do legislador.

Os boateiros, comenta o «Diário da Manhã», sabem que os factos desmentem sempre as suas afirmações de má-fé e os seus prognósticos pessimistas... mas continuam a aproveitar todos os pretextos para mentir. Atrás duma mentira outra mentira. A verdade não lhes interessa. O seu objectivo é descontentar e desorientar o povo que estava habituado a desconfiar do Governo tão enganado e maltratado êle foi nos últimos anos que precederam o 28 de Maio de 1926.

Devido á política de verdade seguida pelos Governos do Estado Novo os boateiros vêem agora de continuo frustrados os seus melhores planos...

«A velocidade do boato»

Na «Acção Regionalista», que se publica no Barreiro, escreveu o sr. Tomé Vieira um artigo de que o nosso colega das «Províncias» do «Diário da Manhã» recortou o trecho seguinte, comentando-o com muita oportunidade e acerto.

Ora leiam:

«Um dia, á falta de assunto para passar o tempo, fizemos uma experiência. Eu e mais dois amigos. Foi uma experiência que nos podia ter custado cara. E era bem feito, porque com coisas sérias não se brinca. Resolvemos experimentar qual seria a velocidade dum boato. Assim mesmo. Nós ou três deitáramos um boato. Impingiríamos uma notícia falsa a três amigos e ficávamos a aguardar o resultado, e até onde chegaria o boato. Meus amigos, foi uma coisa séria. O boato, pouco depois, estava espalhado em toda a cidade, galgava até á provincia e vinha dali novinho em folha. Dera a volta a Portugal mais rápido do que um circuito automobilista. Metia num chinelo todos os «ases» da bicicleta. No dia seguinte, houve alguns amigos que vieram ao nosso encontro a dar-nos a novidade. Nêsse momento desmentimos, afirmamos que era boato e êsses amigos zangaram-se connosco, exclamando:

—Lá estás tu com o teu optimismo. Foi fulano quem me garantiu e êle sabe disto como poucos. Garanto-te que é verdade. Absolutamente verdade.

A nódoa cai no melhor pano—diz o povo. Também, ás vezes, alguns bons e leais amigos da Situação pelo prazer de transmitirem notícias de sensação se fazem eco do que convém aos inimigos do Estado Novo, quasi sempre sem reflectirem na impossibilidade evidente do que comunicam. É porque nos encontra como cúmplices que o boato se espalha com tanta velocidade.

Temos de estar prevenidos contra essa arma que os inimigos da Situação costumam manejar para nos desorientarem e diridirem.

A idade do cinema

Transcrevemos, com a devida vénia, das «Novidades» de 28 de Dezembro ultimo, a seguinte interessante informação:

No dia 28 de Dezembro de 1895—há 40 anos—realizou-se no Salon Indien, na cave do Grande-Café do Boulevard des Capucines, em Paris, a primeira sessão de projecções animadas... de lanterna mágica—como então se dizia.

O *animatógrafo* também, apelidado de *cinematógrafo*, e mais modernamente, por espírito de simplificação, de *cinema*—fôra inventado pouco antes pelos irmãos Lumière.

É frequente as grandes invenções serem geradas na pobreza, na carência de recursos técnicos adequados. Recordemos Pasteur, e Branly, mas então deficientes instalações de Física da Universidade Católica de Paris.

Augusto e Luís Lumière fizeram também as suas experiências em circunstâncias desfavoráveis. Quando os dois jovens leonêses pediram um dia ao pai uma balança de precisão, êste respondeu-lhes se a balança da cozinha não serviria... Dirigiram-se então a uma farmacia vizinha para fazer umas pesagens rigorosas, necessárias para uma nova preparação do brometo de prata.

O primeiro *filme* exibido há 40 anos, media poucos metros de comprimento e desenvolvia um argumento... transcendente: um regador das ruas que acabava por se molhar...

O salão inaugural do cinema foi alugado por 30 francos por dia, as entradas custavam um franco: a 1.ª sessão deu uma receita líquida de 35 francos.

Quarenta anos depois, a receita média diária dos cinemas do mundo orça por 125 milhões de francos!!

Há actualmente 62.000 cinemas o que permite facilmente compreender que mais de 50 biliões de francos animam hoje a indústria cinematográfica.

Em cada semana mais de 200 milhões de espectadores assistem a es-

Uma cifra trágica ao lado de outras curiosas

Sem falar do número incalculável de quiromantes, pitonisas, mulheres de virtude, profetisas, etc., que especialmente nesta quadra de fim do ano vêm multiplicada espantosamente a sua frêguesia, em Paris, temos algumas notas estatísticas que vale apena fixar: só na noite de 31 de Dezembro passado foram expedidas de Paris catorze milhões de encomendas pelo correio, sem contar cartas nem jornais.

As cartas e postais chegados a Paris nessa noite foram 8.800.000.

De modo geral o volume de correspondência aumentou êste ano sobre o ano passado 20 por cento.

Agora a cifra trágica: durante o ano de 1935 os desaparecidos da capital francesa foram em número de 15.990: dêste número eram 2.832 homens casados, 2.105 mulheres, 1.245 rapazes, 1.207 raparigas, 380 pais de família e 288 mães de família. Dêstes desaparecidos só foram encontrados três quintas partes.

Sem deixar rasto e sem ser possível averiguar-se do seu paradeiro houve 7.004 pessoas.

Segundo gráficos que acompanham a estatística, as desapareições aumentam nos primeiros e últimos mezes de cada ano.

pectáculos de cinema. O número de empregados nesta indústria colossal do século XX sobe a 500.000!

É como em capítulo cinema, tudo é gigantesco, um bilião e meio de francos são anualmente consumidos em publicidade.

É as casas produtoras lançam anualmente no mercado 600 milhões de metros: isto é, uma fita que poderia dar quinze voltas em roda da terra!!!

Compreende-se, portanto, com que alvoroço se festejou há pouco na Sorbonna o Jubil. u científico de Luís Lamière, o grande inventor sobrevivente.»

Nossa Senhora da Franqueira

FORMOSURA ESQUECIDA

Com o título de «Formosura Esquecida», a magnifica revista de cultura e de crítica da arte, dos acontecimentos contemporâneos e da ciência, que se intitula «Brotéria», publicou no tomo XXII, fascículo 1.º do ano corrente, um formoso artigo do distintissimo escritor e investigador e crítico da arte, sr. P.ª J. da Costa Lima, em que trata, especialmente, da imagem de Nossa Senhora da Franqueira que os devotos estão a venerar sob a invocação de Nossa Senhora das Neves—e da imagem de Santa Maria, há pouco tempo encontrada mal arrumada na nossa Igreja Matriz e que mereceu àquele distinto crítico da arte uma interessante conferência, que realizou no nosso Teatro Gil Vicente.

Não podemos deixar de fazer que êsse artigo seja lido pelos barcelenses, especialmente pelos devotos de Nossa Senhora da Franqueira e pelos que aos melhoramentos da Franqueira dedicam entusiasmo e atenções.

E' dever fazê-lo, não só em home-

nagem ao autor, mas também para que se conheça como as duas formosíssimas imagens de Nossa Senhora são apreciadas por quem sabe fazê-lo.

Dêsse artigo, e com a devida vénia, reproduzimos a parte principal:

Formosura esquecida

«A meia légua de Barcelos, ao oriente do derruído alcácer de Faria, restaura-se a ermida medieva da Senhora da Franqueira.

Da origem da capela e do seu orago, colheram se lendas e suposições, á mistura com factos históricos e que se repetiram, copiados uns dos outros, sem variantes substancias.

A fundação daquela fábrica, arquitecturalmente modificada em épocas sucessivas, é atribuída já a D. Egas Moniz, já ao rei D. Denis, já a D. Diogo Pinheiro, não faltando quem derivasse o nome da Franqueira, dos franceses terem fundado o castelo.

Pretender definir categoricamente a sua idade e linhagem sem pergaminhos

certos é aventar afirmações arriscadas.

O municioso autor do *Santuário Mariano*, depois de ter registado aqueles dizeres, dá como seguro que já no reinado de D. João I, em 1415, existia e era afamada aquela Senhora.

Fixou, porém, que na Galiza, para as bandas de Ribadávia, existia centro de devoção homónima, o qual *no sitio e fábrica é muito semelhante a êste da Senhora da Franqueira de Barcelos*; mas não adiantou conclusão dirimente.

O cronista da Soledade imagina que a devoção da Franqueira galaica, sendo mais antiga do que a de Portugal, se introduziu por Egas Moniz, depois dalguma romagem sua áquele lugar.

A falta de documentos coevos da criação da Franqueira barcelense poder-se-á suprir pela leitura dos fortes silhares do corpo da capela, que não foram mimoseados pelo embelezamento gótico da ábside de cerca de 1500, nem aparelhamento posterior da fachada. E, assim, é hipótese admissível

PALAVRAS E OBRAS

OS CONVERTIDOS

Enquanto as juventudes femininas ou *feministas* procuram corrigir os defeitos físicos pela ginástica *suéca*, com o fim de encontrarem nestes desportos favoritos a linha escultural, melhor dizendo, o pseudo elixir duma beleza esteticamente helénica... Enquanto, pois, as juventudes masculinas se vão exercitando no *box* estúpido, no murro brutal, no pontapé na *bola*, etc., cujo entusiasmo delirante se confunde com a loucura colectiva, vamos nós, leitor amigo, exercitar-nos na ginástica do espírito, tomando por árbitros a Razão e a Inteligência.

Começemos, pois, a luta, isto é, a conversa sobre os convertidos que vão ao encontro de Deus pela estrada de Damasco. A lista é longa. Não chegam as páginas deste semanário para os contar e muito menos para descrever as fases evolutivas porque passaram muitos sábios e filósofos ateus, e vários intelectuais do livre pensamento, que só na religião católica encontraram a paz da consciência!

Li, há tempos, num jornal diário, uma lista de nomes de homens de ciência, que se passaram com armas e bagagem para o campo católico. E caso notável! Alguns destes convertidos não quizeram ficar no meio do caminho, isto é, não se contentaram com o título de católicos praticantes; procuraram refugiar-se dentro das celas das Ordens Religiosas, cuja regra havia de ser a mais humilde e mais austera.

O mesmo fenómeno espiritual que se deu com estes homens cultos, alguns dos quais eram oficiais do exército francês, deu-se, igualmente, com muitas senhoras da primeira sociedade que, desiludidas das vaidades mundanas vestiram o hábito de freiras para se entregarem, de alma e coração, ao serviço de Deus e do próximo.

Ainda recentemente os jornais falaram da conversão de duas artistas do cinema, e uma outra da Ópera de Paris, as quais, depois de serem elevadas pelas tubas da Fama ao fastígio da glória e da vã cobiça, como dizia o velho do Restelo, foram esconder-se dos seus importunos aduladores, nas celas dum convento trapista ou franciscano!

Hoje já não são aquelas estrélas mundanas ou Vénus impudicas, que excitavam os sentidos do luxo e da luxúria... hoje são religiosas conversas que passam os dias e as noites em oração à cabeceira dos enfermos.

Mas, a que propósito foquei eu este assunto, aliás transcendente, se bem que para muitos seja frio e banal?

Continua na 6.ª pagina

Revista aos fundamentos da Fé

A luz da Fé e a faísca do génio unidas nos mais prestantes inventores e bemfeitores da humanidade

A navegação marítima e aérea ante a T. S. F.

É já incalculável o valioso pecúlio de inventos, de que justamente se pode ufanar a humanidade culta, mórmente nos ultimos tempos. Mas poucas descobertas terão alcançado applicações tão rápidas e tão numerosas, como a T. S. F., nascida e acalcutada por eminentes sábios cristãos.

Pois não parece sofrer contradita que, dentre todas, a mais importante é a *comunicação permanente com os navios no mar e as aeronaves no espaço*, graças à T. S. F.

Hoje—ao invés do que sucedia outrora—uma embarcação já não vaga, perdida no mar, isolada do resto do Mundo: Recebe mensagens de terra e para lá faz chegar invisivelmente as suas; os passageiros recebem, em pleno mar, *noticias* do continente; de lá ouvem os concertos e discursos longínquos.

Com os *avões* e mais engenhos de aviação dá-se precisamente a mesma coisa.

A enorme redução de sinistros marítimos e aéreos pela T. S. F.

É sobretudo na eminência de acidentados desta espécie que a admirável intercomunicação pelas ondas rádio-eléctricas se revela dum valor incalculável.

Como quasi todos os navios estão hoje munidos de aparelhos de T. S. F., e como os comprimentos de onda nestes casos estão regulados por convenção internacional, as embarcações podem num momento estabelecer comunicação entre si e a terra, receber e enviar mensagens, e prestarem-se mútuo socorro em caso de necessidade.

A *radiogoniometria* veio ainda dar maior importância à T. S. F. nas suas providenciais applicações à navegação tanto marítima como aérea.

Há nos *quadros de recepção*—os quais suprem, em parte, as antenas receptoras—uma propriedade notável, que se utiliza para estes casos. Consiste essa propriedade no seguinte: o *quadro* estando *orientado*

exactamente na direcção do pósto emissor, dá uma recepção de *intensidade máxima*; e sendo desviado dessa direcção a intensidade *decrece*. Ora montando o quadro, num eixo vertical, sobre um círculo graduado para medir os desvios angulares, e cujo zero esteja dirigido para o Norte, pode obter-se desta forma uma primeira direcção, em que se encontra o pósto emissor. E recebend-se sinais doutro pósto emissor, tira-se, pelo dito processo, uma segunda direcção. Ora a posição do navio é dada pela intersecção destas duas direcções, facilmente verificável sobre a carta.

Por outro lado dois postos receptores, situados em terra, que recebem sinais dum navio, podem, mediante aquele processo radiogoniométrico, revelar duas direcções angulares das ondas recebidas, podendo-se desta forma descobrir a situação do navio. Indicações preciosas, especialmente em tempo de névoa.

A torre Eiffel, rádio-farol dos navegantes, é testemunha duma profissão de fé de Edison

Sim; também esta majestosa torre—uma das mais poderosas *emissoras* do globo, e privilegiado *relógio do mundo*,—é preciosa guia para os navegantes.

Em consequência da *Conferência internacional da hora*, é transmitida quotidianamente ao mundo inteiro, pelo pósto emissor da torre, a hora do Observatório de Paris, que é a hora exacta do primeiro meridiano, ou *fuso-horário* dos 24, em que se convencionou dividir o planéta. Os navios pois recebem-na constantemente em pleno mar. Como eles, por observações astronómicas, podem determinar a hora do meridiano, onde se encontram (*hora local*) a diferença destas duas horas dá-lhes a *longitude* do logar, onde estão.

Mas vamos ao célebre testemunho de Fé de Edison. Convidado este prodigioso inventôr—quando foi da Exposição de 1889 em Paris—a inscrever, no cimo da torre, o seu nome

Continua na 6.ª pagina

RESPOSTA CLARA

Com o título «O fruto das economias feitas» o «Diário da Manhã» publicou a seguinte muito oportuna Matinal, que nós reproduzimos por entendermos conveniente responder com ela a perguntas ou observações que às vezes andam por aí:

—Para que economizar tanto dinheiro numa época de crise? — perguntavam habitualmente, os que queriam esquivar-se aos sacrifícios que as circunstâncias criadas por muitos anos de anarquia administrativa impunham.

—Não bastaria o equilibrio financeiro? Para quê os grandes saldos? Não se está a sacrificar a Nação a um esforço exagerado? Não se procura somente um efeito político com restrições desnecessárias?

Os mesmos que faziam estas perguntas, mal surgia qualquer dificuldade, logo se contradiziam porque desejavam imediatamente que ela fosse resolvida à custa do dinheiro economizado.

Se não existissem esses milhares de contos pacientemente acumulados para assegurar o saneamento financeiro como poderia agora ser tentado em bases sérias o problema da defeza nacional? Teríamos de recorrer a empréstimos para obras necessárias mas não reprodutivas, quando Salazar defende o princípio justo que na medida do possível os empréstimos só devem ser feitos para obras de fomento nacional. Teríamos de aumentar exageradamente o total dos empréstimos para fazer face ao mesmo tempo às imperiosas necessidades da defeza nacional e às obras do plano de reconstrução económica do País de sacrificar estas à prioridade daquelas. É fácil prever as consequências que daí adviriam entre as quais a mais importante seria o aumento de desempregados.

A resposta às perguntas feitas pelos que, por sistema se afligem com tudo, deu-a o sr. Ministro das Finanças no relatório do orçamento para 1936. Depois de dizer que as despesas de reorganização da Marinha «a-pesar-de autorizadas a cobri-las com empréstimos» foram inteiramente feitas por conta de receitas ordinárias e que «com o rearranjo do Exército acontece a mesma coisa», ao «primeiro período encarado no presente orçamento e nos quatro que se lhe seguem», conclue:

«Nós teríamos juntado pacientemente durante os últimos anos importâncias que foram por muitos reputadas excessivas e agora se vê serem absolutamente necessárias à defeza do País».

«Para as despesas extraordinárias dos Ministérios da Guerra e da Marinha destinar-se-iam, pois, desde já, dos saldos anteriores, ao todo 544 mil contos e neste orçamento 194 mil (150 + 44)».

Ainda queriam melhor resposta?

que a primitiva construção fosse obra dos cavaleiros asturo-leoneses da reconquista; mas nem a eles nem a D. Egas se pode imputar fundadamente a importação daquele título da Mãe de Deus. E a razão é simples. A invocação da imagem taumatúrgica da Galiza só aparece nos últimos anos do século XIV com a fundação da abadia cisterciense, e não de bentos, como repetiu frei Sant'Iago, em cuja igreja a lendária estátua da Senhora da Fonte tomara aquele nome. A iconografia marial, por sua vez, nega a tradição popular a lenda da imagem da Virgem da Franqueira de Mondariz ter vindo do século VII, como aponta o jesuita espanhol João de Villafañe. Esta escultura de pedra, exposta á piedade dos fiéis no altar-mor, é do tipo das virgens sentadas e tem o carácter gótico da imaginária do século XIV, não obstante a imperícia e a rigidez de paneamentos de ar monacal, caídos verticalmente em pregas iguais. O menino assenta sobre o joelho esquerdo da sua

mãe, a quem amputaram o braço direito substituindo-o por outro, móvel, para a vestirem, compensando-a da deselegância de formas com a riqueza de sedas e brocados da indumentária dos séculos XVII e XVIII. A expressão dura e a rudeza de estilização fá-la-iam mais antiga; mas é bem de crer que a imperfeição escultural se deva a imaginário de mão pouco educada.

Ocorre perguntar, qual seria o motivo que levou a mudar a invocação á Virgem da Fonte, pela da Franqueira, e donde deriva esta palavra etimologicamente. Enquanto se não descobrirem documentos que satisfaçam áquelas incógnitas, vai citação da narrativa forjada na própria palavra.

Referem em Hespanha que, em 1393, levantaram altar a Nossa Senhora da Fonte, mas para não ficar perdida a memória do primeiro local onde, conforme a lenda, esteve a imagem falada, foi posta sobre uma lage, assente em quatro colunas brancas, colocadas a modo de cruz, e porque *franqueiam*

espaço para os devotos o cruzarem de joelhos, em cumprimento de promessas ou piedade, daí a misteriosa invocação. A ser verdadeira a informação do altar e da data, não era possível ao rei Lavrador ter trazido para Portugal aquela devoção.

Não vem fora de propósito assinalar que também os religiosos historiadores da Franqueira minhota derivam o vocábulo do mesmo verbo *franquear*, dando-lhe sentido diferente, criado com farta invenção da sua lavra. Reza a *Chronica da Soledade*, bebendo na mesma fonte, que o *título da Franqueira convém muito á Mãe de Deus pela generosa liberalidade como ali franqueia os benefícios por mar e por terra a todos os que ali a buscam e a ela com fé recorrem*.

Villafañe, depois de ter dito que a imagem teve o título de Senhora da Fonte, porque no lugar onde se encontrou jorrou água, tem, como mais provável, que a mudança do nome derivasse do da própria terra, a vila da

Franqueira. Mas acrescenta também «*porque su liberalidade y franqueza en socorrer necesidades espirituales y corporales, aliviar trabajos y obrar prodigios y milagres, le grangeó ele glorioso timbre de la Franqueira o de la Franca y Generosa*». Já antes escrevera Frei Agostinho de Santa Maria que o *título de Franqueira vale o mesmo que franca ou liberal; porque nos tempos antigos se usava muito, para explicar a liberalidade com que a Mãe de Deus reparte com os seus devotos os favores e os beneficios, dizerem que a Senhora era franca. E intitularam a sua Casa da Franqueira ou Franqueira*.

Depois disto, surge outra vez a curiosidade, insistindo em saber como e por que peregrino inspirado, no regresso da Galiza, foi trazido o culto em honra de Nossa Senhora da Franqueira, e em que acontecimento o maravilhoso nasceu aquela palavra marial enigmática. Entretanto que os inéditos não veem projectar mais luz sobre esta questão, ligada com os dois santuários

Camara Municipal

Extracto da acta da sessão de 16 de Dezembro de 1935

de igual nome, forçosamente relacionados, fique suspensa a digressão pelas origens daquele termo famoso, que anda nos cantares do povo, e foi invocado na paz e na guerra, na aflição e na alegria.

Ainda hoje, na longa caminhada, em melodia de loa, o romeiro galego canta em versos de cordel.

*Virxe da Franqueira
que tés un meniño
fainos levadeiro
o longo camiño.*

*Bendice os amores
do humilde labrego
e dalle na chouza
quentura e socego.*

*Bendice amorosa
a palla e a espiga
as follas da rosa
e o dente da ortiga.*

*Virxe da Franqueira
na pedra lavrada,
de viñas e prados
arreda a xiada.*

Ou como principia o auto:

*Virxe e rainha da Fonte
Señora Santa Maria!*

A Franqueira de Barcelos tem a graça da sua imagem, que exige reparação do olvido a que foi votada. Sem as honras do seu próprio nome, já no século XVI, guardada em nicho de altar lateral, tem segredos indecifráveis.

Por ocasião de um trabalho iconográfico, encarregado a A. Soucasaux, foi-me grato agradecer-lhe a indicação de me fixar naquela escultura. Pedi que a fotografasse, e, em 1931, fui curioso-a-la. Foi regalo de espírito vê-la conservada, confirmando a descrição, que dela teceram os aduzidos autores setecentistas. A iconografia apoiava-os e ganhava mais um tipo de estatuarial, que o erudito Cónego Aguiar Barreiros não citou no seu livro.

Como havia peregrinação, aproveitou-se o ensejo para lamentar que aquela imagem histórica não estivesse em lugar de precedência, porque era a Senhora da Franqueira festejada pelo Douro e Minho, com alvoradas e romagens, enriquecida pelos pontífices com abundância de indulgências, e a quem a piedade cristã agradecera milagres. Ignora-se por que motivo a retiraram do seu primeiro altar e foi venerada sob o título da Senhora das Neves, a partir de 1558.

Ao contemplá-la, a crítica acode ao espírito para negar que fôsse a mesma do tempo de D. João I, á qual se teria encomendado o seu bastardo D. Afonso na refrega da tomada de Ceuta, e a quem este ofertou o altar feito com os mármoreos do espólio de Colubencayla, segundo velha narração.

*

A escultura ogival portuguesa teve período áureo, no século XIV, e com centro de imaginários em Coimbra.

O tema de Santa Maria teve realizações multiplicadas, que dali eram remetidas, em aviamento das encomendas numerosas de toda a parte do País. Os cânones de oficina criaram carácter que as define, a-pesar das disposições da indumentária e atitudes se apurarem em períodos marcados do mesmo século, até á suprema airocidade da *cambrure* e exuberância de panejamentos, em pregas angulosas das vestes quebradas no chão. Uma e outra faltam na imagem da Franqueira.

O naturalismo sereno e idealista da escultura de trezentos prolonga-se no ar de família, revela a força do goticismo mantido até á metade de quinhentos.

A Virgem erecta, notada no *Santuario Mariano*, é espécime de encanto pela arte que demonstra, muito apreciável, e já do século XVI. Mede um

Aos 16 dias do mês de Dezembro do ano de 1935, nesta cidade de Barcelos, edificio municipal e sala das sessões reuniu a Comissão Administrativa Municipal, sob a presidência do Ex.^{mo} Sr. Miguel Gomes de Miranda, estando presentes os vogais Srs. Francisco José Monteiro Torres, José Gomes de Souza e António Gomes de Faria Rêgo. Por motivos justificados não compareceram os vogais Srs. Dr. José Constantino Lopes Rodrigues, vice-presidente, e Padre Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro. Depois de dada a hora fixada para as sessões, pelo Sr. Presidente foi declarada aberta a sessão em nome da lei.

E eu, Chefe da Secretaria, li perante todos a acta da sessão anterior que foi aprovada.

EXPEDIENTE

Foi presente o balancete do cofre municipal relativo á última semana, que acusa um saldo em dinheiro de 230.567\$12.

Foram autorizados os documentos de despeza n.ºs 2.554 a 2.596, no valor total de 44.897\$06.

SINDICÂNCIA

Foi presente o processo de sindicância instaurado por deliberação de 4 de Novembro último ao amanuense Manuel da Cruz de Lima Bandeira. A Comissão Administrativa verificou que se apuraram contra o sindicado actos desonrosos que constituem os crimes previstos e punidos pelos art.ºs 315 e § 2.º e 218.º, n.ºs 1.º, 3.º, 6.º e 7.º do Código Penal, actos esses cometidos no exercicio das suas funções. Além disso, foi apreciado o auto de abandono de lugar por mais de 30 dias, levantado pelo Chefe da Secretaria, que foi também presente. Em seguida, o Sr. Presidente propôs que se procedesse á votação em escrutínio secreto sobre a pena disciplinar a aplicar ao sindicado. Colocada uma urna sobre a mesa deram nela entrada cinco listas iguais. Procedendo á sua leitura, o Sr. Presidente, perante todos, averiguou que todos os vereadores se pronunciaram pela *Demissão*. Em virtude do resultado do escrutínio, foi o arguido demitido, pelos crimes referidos e por abandono do lugar.

FEIRA EXTRAORDINÁRIA

Foi resolvido que se efectue uma feira extraordinária no próximo dia 23, conforme o costume dos annos anteriores, a qual será convenientemente anunciada.

metro e doze centímetros de altura. A goiva que a talhou era de artista de grande sensibilidade. Esbelta no seu conjunto, embora o permenor e realismo anatómico ofereça reparos, majestosa na linha, equilibrada no jôgo dos mantos sem pregas complicadas, um dêles confundido com a túnica pela repintura, tem jus ao elogio de frei Agostinho de Santa Maria.

O crítico exigente é forçado a admirar aquele rosto oval, de fronte alta, emoldurado com leveza pelas madeixas ondeantes do cabelo, caídas sobre o peito, descoberto pelo decote rectangular, e ao qual o Menino, despido e forte, lança confiado o braço. Os gestos da Mãe que O ostenta tem elegância de movimentos, ainda que a estilização dos dedos da mão esquerda contrarie a maior naturalidade da dextra sobranceada. A a atitude da mão esquerda, pegando no pé direito do Divino Infante, é freqüente nas icones de Maria, e

OFÍCIOS

Do Chefe da Repartição de Finanças, pedindo que sejam nomeados vogais para as comissões permanentes de avaliação da propriedade urbana e da propriedade rústica. Resolvido nomear para as duas comissões António Maria Guimarães Vale, desta cidade.

Do Chefe da Repartição de Finanças, comunicando que, por despacho ministerial, de cinco do mês corrente, foi deferido o requerimento desta Camara em que solicitava isenção de pagamento de sisa relativamente a aquisição que pretende fazer de uma casa na Av.ª do Dr. Sidónio Pais, pertencente a José Gomes Cardeiro, para alargamento da referida Avenida. Inteirado.

REQUERIMENTOS

Dos Reverendos Franciscanos Capuchinhos de St.º António da Cidade, pedindo a concessão de água gratuita para a sua residencia, continua á Igreja de St.º António, visto a Igreja ter direito a quantidade de água gratuita que não consome. Autorizada a ligação, devendo instalar-se um contador cujo aluguer devem pagar, ficando com direito ao consumo gratuito até oito metros cúbicos mensais.

De João Martins, desta cidade, pedindo licença para demolir e fazer de novo a fachada do prédio que possui na R. D. António Barroso e para depositar materiais.

De Manuel da Silva e Sá, residente na Trefa, pedindo licença para demolir e reconstruir a parede de vedação do terreno que possui como arrendatário entre a Rua de Elias Garcia e Avenida dos Alcaides de Faria, alargar duas portas, construir uma rampa na guia do passeio calcetar o mesmo, e para depositar materiais.

De Domingos do Nascimento Aspra, da freguesia de Midões, pedindo licença para construir uma casa de madeira no lugar do Souto.

De Cristovão Aires de Oliveira, do Gilmonde, pedindo licença para vedar com parede o eirado que possui no lugar de Rebordões e depositar materiais.

De Paulo Rodrigues Pereira, de Silveiros, pedindo licença para fazer uma entrada para o seu prédio sito na freguesia de S. Pedro do Monte de Fralães, no lugar da Granja e depositar materiais. Estes cinco requerimentos foram deferidos sem prejuizos de terceiros e de harmonia com as informações.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente declarou encerrada a sessão em nome da lei.

chega ao século XVI, consagrada pelo Renascimento coimbrão.

Comparando as esculturas de Santa Maria de Barcelos, obra do século XV e de raro valor entre nós, e a de Nossa Senhora da Franqueira, surpreende a mesma colocação do Menino sobre o braço direito, o que não é vulgar na escultura trecentista de França. Esta modalidade escultural quebra a rotina e entra pelo segundo período da nossa evolução gótica; segue no século XV, tendo modelo na Senhora do Pilar de Tentugal e nas imagens renascentes. Entre as duas esculturas barcelenses põe-se evidentemente o problema da inspiração da Senhora da Franqueira. Sendo mais antiga a da velha colegiada barcelense, terá sido a inspiradora daquela?

Há, entre as duas, semelhanças curiosas; mas a diferença de ritmos e expressão define duas épocas.

A Senhora de Barcelos recorda

CONFERENCIA

Segundo informes, parece-nos que, muito brevemente, Barcelos será honrada com a presença do notável conferencista e distinto médico portuense Ex.^{mo} Sr. Dr. Fernando de Castro Pires de Lima.

S. Ex.^a dissertará no salão do Círculo Católico, a convite da Liga dos Homens da Acção Católica, sobre assunto de grande oportunidade.

Brevemente, daremos aos nossos leitores, informações mais precisas.

Farmácias de serviço

Domingo e durante a semana estão de serviço permanente as Farmácias Silva Ferraz, ao Largo da Porta Nova e J. Alves de Faria, em Barcelinhos.

SOCIEDADE

Aniversários Fazem anos

Amanhã—as senhoras D. Celia Macedo Martins Lima Barbeitos Pinto e D. Maria Manuela de Sá Ramires Barreiros e o sr. Manuel Pereira Esteves.

Sábado—os srs. Armando Ferreira e Joaquim Pereira.

Dia 20—a menina Maria Júlia Faria de Sousa.

imaginária flainenga, no aspecto do rosto de testa levantada, e não tem o volume corporal da imagem da Franqueira. E esta massa escultural corresponde, no volume e na técnica, ás imagens pétreas. Ou o artista se inspirou nalguma delas ou trabalhou o bloco de madeira como se fôsse de pedra.

A ausência da *cambrure*, a beleza dos cabelos da Virgem, a elegância sóbria dos panejamentos, a nobreza de expressão, sem amaneirado, nem rebuscado, a-pesar do pequeno desequilíbrio das feições, derivado das pinturas, levam-nos a pensar que a Virgem de Barcelos não podia ter sido modelo que estivesse na mente do artista. Não negamos a aragem gótica passada ainda na escultura franqueirense, porque os nossos imaginários foram difíceis em se acomodar aos cânones mais modernos, que as influências alheias vinham trazendo.

Que a Virgem da Franqueira é admirável e se deve repôr no seu lugar, é simplesmente resolução de bom senso e restituição do culto a uma santa imagem quatricentenária, que só o vulgo não apreciará no seu alto mérito iconográfico e artístico. Sobre ela, poder-se-ia ainda perguntar, se não terá sido dádiva de D. Diogo Pinheiro, cujo brasão encimou outrora uma das portas da histórica ermida, ignorando-se ao certo que obras lhe ficou devendo. E bem possível que até dêle fôsse o embelezamento executado na abside.

Da imagem da Senhora das Neves de Barcelos, cujo restauro é discutível, temos hipótese particular. Documentação que se busca dirá se ela é fundada, ou se, pelo contrário, não tem razão e terá de ser abandonada, sem relutância. A festa da Senhora da Franqueira realizava-se no dia das Neves a 5 de Agosto; mas, no começo do século XVIII, passou a celebrar-se no primeiro oitavário da Páscoa, sendo orador, desde então, um sacerdote da Companhia de Jesus, por a ermida estar anexa ao Colégio de S. Paulo, de Braga.

O prazer estético, que ambas as esculturas despertam, prende, ao mesmo tempo, a piedade cristã, elevando o pensamento á idealidade da virtude que criou. E esta exige que á da Franqueira se restitua a sua primeira feição, restaurando-se competentemente na sua pintura primitiva, e erguendo-o á honra da veneração, por quanto simboliza e vale.

PAGINA DO CONCELHO

Areias S. Vicente, 6

E' hoje dia de Reis. Dia em que os Magos adoraram ao Menino Deus. Neste dia ficou instituída a adoração a Jesus Sacramentado. Para solenizar este dia haverá de manhã a comunhão dos Cruzados e do povo que assim o queira. De tarde a Adoração solene com a assistência também dos Cruzados e do povo da freguesia.

—Na sexta-feira passada houve na Igreja os exercícios com missa ao S. Coração de Jesus e no sábado a devoção a N.ª Senhora do Amparo com missa pelos irmãos vivos e falecidos.

—Ontem foi o dia da reparação dos Cruzados. Em todos os dias houve muitas comunhões.

—Mais uma festa se vai levar a efeito nesta freguesia a 9 do próximo mês de Fevereiro. E' dedicada a S. Braz e realiza-se na capela de Santo André, desta freguesia. Para sinal foi também hasteado a bandeira no local no dia 4 do corrente. Como sempre não faltou o foguetório. E' o caso de muita parra e pouca uva. Quer dizer musicório e foguetório que não falta e o mais que possa ser; enquanto a solenidade ao Santo, corte-se o mais que possa ser porque o dinheiro não chega. Seria essa a vontade de quem deu e vai dar as esmolas? Quem serviu nos peditórios iam em honra dos Santos ou da música? Era bom que se fosse pondo isto no são. Na nossa freguesia não se precisa de musica e muito menos de foguetes. Isto é um verdadeiro chamariz não dos verdadeiros devotos, pois bem sabem onde os Santos se veneram, mas dos apaixonados do verdasco.

Convençamo-nos dama vez para sempre disto: as verdadeiras festas realizam-se a portas a dentro dos templos; o que não fôr isto é puramente profano e de encontro a quem dá as suas esmolas.

—No dia 14 faz anos Rosa de Oliveira Fernandes Fontelo; e no dia 15, faz anos João Gonçalves Fernandes Torres.—C.

—N. da R.—Esta correspondencia apenas ontem nos foi entregue em a Redacção.

Remelhe, 9

No dia de Reis e com a maior solenidade houve na igreja paroquial Adoração ao Santissimo Exposto, assistindo, além de muito povo, as crianças da Cruzada Eucarística.

—Há dias recebeu a Sagrada Comunhão por devoção a sr.ª Antónia da Bessada, que tem estado levemente incomodada. Dizem que deve ter cêra de noventa anos.

—Devido ao temporal caiu parte da casa da sr.ª Luiza Lopes da Costa, não havendo desastres pessoais a lamentar.

—Alguns jornais fizeram a crítica à Arvore do Natal, dizendo que isso não tem significado algum religioso. Estas festas da Arvore do Natal são de origem pagã e duma moda estrangeira herética e intrusa.

Essa Arvore do Natal deve pois ser substituída pelo Presépio de Belém, que pode ser bem enfeitado.—C.

Vila Cova, 14

Foram batizados: Manoel, filho dos srs. Albino Batista de Sousa e Maria Alves da Costa; e Elvira, filha dos srs. Albino Maia Gomes e Rosa da Silva Lima.

—Recebeu os sacramentos devidos a sr.ª Luiza Maria de Matos. Mais uma vítima dum temor canceroso, doença que tão frequente vai sendo aqui.

—Partiu para Lisboa, a incorporar-se na Armada, o mancebo Adélio Esteves de Oliveira.

Que seja feliz.

—Com muita concorrência de fleis, tem-se feito a novena em honra de S. Sebastião.

—A publicação dos Indultos Pontifícios, no corrente ano e para variar, fez-se, lendo e comentando o opúsculo sôbre o assunto do sr. Dr. e Cónego Ferreira Pinto.

—Dagoberto Martins partiu para Bairro, Famalicão, a fim de trabalhar numa fábrica de tecidos.—C.

seu marido sr. Joaquim Rodrigues de Carvalho, estimado fiel dos Caminhos de Ferro e proprietários em Nine.

Assistiu ao casamento o rev. José Pedro Rodrigues, tendo no final feito aos noivos uma tocante alocução, sendo também cobertos de flores por um grupo de meninas da escola que assim quiseram homenagear a sua digna mestra.

Aos noivos, que são dotados dos mais finos dotes de coração e inteligência, apeteçemos as maiores felicidades, e uma interminável lua de mel.

—A semana passada sepultou-se um filhinho de 3 anos do sr. António de Araújo Faria e sua esposa sr.ª Carolina da Costa. O pequenino Leonel, que era uma interessante criança não deixará de pedir a Deus que os conforte, na dôr que sentiram com a sua falta.—C.

Areias S. Vicente, 13

No próximo dia 22 é o dia do Padroeiro desta freguesia. Nesse dia estará o Santo á veneração pública para os devotos e demais cristãos lhe prestarem a sua devoção.

A festividade em sua honra será no dia 26 do corrente, e constará do seguinte: A's 8 horas, comunhão dos fleis que se queira abeirar da santa mesa; ás 10 horas, missa solene; ás 2 horas da tarde, terço, sermão, procissão ao cruzeiro e bênção do SS. Sacramento.

Fazem parte da procissão todas as corporações religiosas da freguesia.

Foi encarregado do panegirico ao Santo um abalizado orador sagrado. Consta-nos que toma parte nesta festividade a afamada banda de S. Pedro do Monte.

—Fazem anos: no dia 19, José Barbosa Fernandes; no dia 20 Rosa Cardoso da Costa Pereira e Tereza Lopes de Araujo; no dia 21 Josefina de Afonseca e no dia 22, Ludovina Fernandes Soutelo.—C.

ASSINANTES DO CONCELHO

A todos os assinantes onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o especial favor de virem pagar as suas assinaturas á tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral.

Silveiros, 13

No passado sábado, na paróquia desta frêguesia realizou-se o casamento dos simpáticos e estimados noivos sr. Joaquim Gomes da Costa Novais, considerado proprietário, filho dos saudos srs. Lourenço Gomes da Costa e D. Miquelina Teixeira Novais de Miranda já falecidos; com a gentilíssima menina, D. Bela Margarida Ferreira da Costa, ilustre e muito distinta profes-

sa oficial desta frêguesia, filha do talentoso professor de ensino secundário sr. António Ferreira da Costa, já falecido, e da sr.ª D. Francisca das Dores Ferreira da Costa.

Paraninfaram por parte do noivo seu irmão sr. Miguel Gomes da Costa Novais, considerado representante do Instituto Pasteur de Lisboa; neste Distrito; e por parte da noiva sua irmã sr.ª D. Julieta Ferreira da Costa, também distinta professora na Carreira, e

CAMARA M. DE BARCELOS

EDITAL

Miguel Gomes de Miranda, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Barcelos:

Faço saber: Que nos termos do art.º 4.º do Regulamento dos Matadouros e Talhos do Concelho de Barcelos e de harmonia com a deliberação da Comissão Administrativa da minha Presidencia, a partir do dia 20 do mês corrente, todos os suínos destinados a consumo público dentro da area de três quilómetros a contar dos limites da cidade, serão abatidos no Matadouro Municipal, sob pênna das multas estabelecidas no Regulamento citado e no edital de 19 de Maio de 1927.

Barcelos, 10 de Janeiro de 1936

E eu, Antonio Pedrosa Pires de Lima, Chefe da Secretaria

BLOCO BARCELOS, L. DA
BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELE (FONE 27—BARCELOS 4775—PORTO)

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES
ESPECIALISADA EM
CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, **Fabrica de Serração** soalhos, esquadrias,
Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
— — MOVEIS E DECORAÇÕES — —

da Camara Municipal o subcrevo.

O Presidente da Comissão Administrativa Municipal:

Miguel Gomes de Miranda

Castanho em toros
Compra a Fábrica da Granja—Barcelos.

José Perestrelo
Largo José Novais—BARCELOS
Automoveis de aluguer
Oleos e gasolinas

PREVENÇÃO

Fábrica da Granja

A Empreza BLOCO BARCELOS, L.da, solicita dos seus Ex.ªs Fregueses que, a partir desta data, liquidem a pronto todas as transações inferiores a 30\$00, visto que a sua organização não permite pequenos lançamentos.

Agradecimento

A' Companhia de Seguros «A Mundial» e aos seus agentes nesta cidade da Casa Ribeiro, Estação, Barcelos, o meu reconhecimento pela forma rápida e honrosa como liquidaram o incêndio que tive na minha padaria, no lugar do Alivio, Perelhal, em 2 deste mês.

Barcelos, 13 de Janeiro de 1936.

Maximo de Oliveira Pacheco

AO PÚBLICO

A «Boneca», participa ás pessoas das suas relações e ao público em geral, que tomou conta do «Restaurante Parreirinha» onde encontrarão novo método de cosinha e especialidade em vinhos da região.

Visitem o novo estabelecimento.

Procurador Corrêa

Largo José Novais n.º 8

Aos nossos assinantes da Provincia

Tendo-nos chegado devolvidos alguns recibos da cobrança de assinatura do nosso jornal há poucos dias efectuada, prevenimos que novamente vamos proceder á cobrança desses recibos.

Pedimos o especial favor de liquidarem esses recibos logo que pelos Correios lhes sejam apresentados. Assim cumprem o dever de homens honrados.

Há assinantes que, pelo seu excessivo atraso de pagamento e a procederem como até aqui, não merecem o nosso respeito e consideração. Com esses irêmos agir como muito bem entendermos, nada tendo que reparar no nosso procedimento.

PALAVRAS E OBRAS

Continuado da 3.ª página

Já sei e vou dizê-lo em poucas palavras.

Mas não era preciso ir procurar destes exemplos edificantes lá fóra, pois que, nós os temos cá dentro de casa. Não acreditam?

O caso é recente e flagrante de verdade, do qual podem dar testemunho todos os convivas que assistiram á festa dos briosos e beneméritos Bombeiros de Barcelos.

Quero referir-me a certas passagens do primoroso discurso com o qual o sr. dr. Gonçalo Araújo saudou êsses heróicos soldados da paz.

É um discurso inflamado de fé e de patriotismo que vibrou como um clarim festivo numa alvorada redentora. Que digo? foi uma oração a Deus, cuja elegancia moral e beleza espiritual electrizou, suggestionou e encantou a magna e selecta assistencia, que aplaudiu freneticamente S. Ex.ª.

Eis algumas passagens do sensacional discurso deste neó convertido com a devida vénia:

«... Este Portugal de heróis, de cavaleiros e de santos, que Nuno Alvares Pereira enalteceu dignificou com a sua espada, audaciosa e firme.

«Este Portugal que Antonio Barroso —o Santo Bispo de Remelhe, que o bronze já consagrou e consagrará através dos séculos sem fim— cimentou e santificou, com a cruz de Cristo, simbolo adoravel da paz, da humildade e do amor, ensinando os pobres de espirito a olhar para o Céu de mãos erguidas, bendizendo as extraordinarias maravilhas do Criador.»

Como veem, isto não é retórica balôfia; isto não são abstrações metafísicas; isto é pura e simples filosofia cristã, que tanto pode ser compreendida por sabios como por ignorantes.

Como este, como Leonardo Coimbra, outros vão surgindo das trevas para a luz, na ansia espiritual de saciarem a fome de Deus..

Bemvindo seja, pois, ao grémio da Igreja, o sr. dr. Gonçalo Araujo.

João Calado

AIRES DUARTE

MEDICO

Ex-Assistente da Maternidade de Coimbra

PARTOS—CLINICA GERAL

Consult.: L. da Porta Nova-Tel.: 129

(Das 10 ás 12 horas)

Resid.: — Campo 5 de Outubro

Revista aos fundamentos da Fé

Continuado da 3.ª página

no livro de ouro, reservado ás maiores sumidades da época, o insigne electricista precedeu a sua assinatura destas linhas, que leu em voz alta:

«Ao arrojado construtor do espécimen tão gigantesco e tão original da arte de engenharia moderna, um homem que tem o maior respeito e a maior admiração por todos os engenheiros, incluindo o maior de todos, o Bom Deus.»

Que bela lição dada por um homem tão proeminente aos presumidos sem-Deus ou contra-Deus, cuja vacuidade de valor corre tantas vezes parelhas com um pretencioso e desmedido pedantismo!

V. A.

Movimento nas Finanças

Foi colocado na Repartição de Finanças do 2.º Bairro, da cidade do Pôrto o sr. Antonio Emilio Roriz d'Azevedo, que chefiava com muita ciência e competência a Repartição de Finanças de Viana do Castelo, onde deixou saudades não só no pessoal seu subordinado mas nos contribuintes a quem sempre atendeu e tratou com a maior delicadeza.

Promovido á 1.ª classe, foi colocado na Repartição de Vila Nova de Famalicão o sr. Antonio Augusto de Oliveira, Secretário de Finanças de Fafe. E' um funcionário competentissimo muito educado, já conhecido dos barcelenses desde o tempo em que foi aspirante nesta Repartição.

A estes nossos velhos amigos apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações, sentindo só que Barcelos não tivesse a dita de vêr qualquer deles a chefiar esta Repartição.

Foi colocado na Repartição de Finanças desta cidade o sr. Marçal Moreira de Freitas, de quem temos as melhores referências como funcionário sabedor e educado, que tambem vem em contrar nesta Repartição subordinados zelosos e atenciosos.

DR. ADÉLIO MARINHO

Consultorio e Residencia
Rua Dom Antonio Barroso, 141
Telefone 28

Comissão de Viticultura Da Região dos Vinhos Verdes PORTO

(Serviço de fiscalização)

Mês de Dezembro

Informa esta Comissão que a Brigada de Fiscalização exerceu os seus trabalhos nos concelhos de Arcos, de Valdevez, Braga, Paços de Ferreira, Paredes, Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Varzim, Ponte do Lima, Valença, Vila do Conde e Viana do Castelo, onde visitou 315 estabelecimentos de venda de vinho verde e 387 adegas de produtores, a-fim-de se averiguar da existência de vinho.

No Pôrto colheram-se 74 amostras de vinhos verdes, sendo 39 referentes aos vinhos entrados na cidade e Entrepósito de Gaia e 35 de vinhos destinados á Exportação, as quais deram entrada no nosso Laboratório, para a competente análise.

Em Lisboa também se exerceu a fiscalização, tendo sido visitados 236 estabelecimentos, onde se vende vinho verde.

Por transgressões verificadas, foram levantados 421 autos e apreenderam-se 2.773 litros de vinhos extranho á região.

Pôrto, 8 de Janeiro de 1936.

CINEMA SONORO

O filme de hoje

O filme que hoje será exibido, dispensa qualquer reclame. O seu titulo, é o melhor reclame. Fiel reprodução de todos os episódios, passagens e cenas emocionantes do consagrado romance de Alexandre Dumas, *Conde de Monte Cristo* é um fonofilm de grande emoção e com um enredo dramático brilhante.

Todos os que lêram êsse conhecido romance, terão ensejo de vêr os seus personagens em cena com um realismo surpreendente.

Eis, em resumo, o valor da película que hoje passará no «écran» do Gil Vicente.

PROGRAMA

I—Documentário.

II—Mickey entre piratas—(des.).

III—CONDE MONTE CRISTO

Conferência de S. Vicente de Paulo

Donativos recebidos

Por intermédio dos srs:

Prior, de 3 anónimos 5\$00, 20\$00 e 20\$00; José Gomes de Sousa, de 1 anónimo 5\$00, de Manuel Ferreira Lemos, de 1 anónimo 30\$90.

AS BOLACHAS

“Villares”

são Bolachas

porque são

“Villares”

A' venda em toda a parte

VISITEM O GRANDE E LUXUOSO

Salão de Chá

DA

Confeitaria “VILLARES,,

RUA FORMOSA—PORTO

João Bernardino Ribeiro

Avenida Alcaides de Faria

(Largo da Estação)

BARCELOS

Tel. 82

Pensão e Restaurante—Vinhos Tintos e Brancos das melhores procedências. Casa de banho e aposentos com todo o conforto.

Mercearia—Vinhos licorosos e cereais. Sempre os melhores preços. Deposito e Revenda das afamadas aguas minerais de VIDAGO, MELGAÇO, PEDRAS SALGADAS e SALUS.

Consulte a minha tabela de preços.

Agencia da Companhia de Seguros «A MUNDIAL». O maior organismo segurador português. Seguros em todos os Ramos. Os melhores premios.

BARCELOS — PRADO — BRAGA

Partida de Barcelo

8,25 da manhã

11,10 da manhã

1,25 da tarde (a)

4,55 da tarde

DO LARGO DA CALÇADA

N. B.—(a) Estas carreiras não se effectuam aos domingos.

Partidas de Braga

8,45 da manhã

11,30 da manhã (a)

2,15 da tarde

5,15 da tarde

DA RUA DOS CHÃOS

A EMPREZA

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

(2.ª praça)

(1.ª publicação)

Para os devidos efeitos se anuncia que no dia 26 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder á arrematação em hasta pública e em 2.ª praça dos bens penhorados a Manoel Eugénio da Silva Campos, solteiro, maior, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil nos autos de execução de sentença que lhe move Domingos José de Campos, da freguesia de Abade do Neiva, bens adiante mencionados e que serão entregues, com o encargo de pagamento de sisa e despezas da praça, a quem maior lanço oferecer acima de metade da seguinte avaliação:

N.º 1

Bouça do Outeiro, de mato com pinheiros e de lavradio com ramadas, no lugar do seu nome, da freguesia de Góios, desta comarca, que entra em praça pela quantia de esc. 1.400\$00.

N.º 2

Bouça das Pedras Altas, de mato com pinheiros, situada no lugar do seu nome, da freguesia das Carvalhas, que entra em praça pela quantia de 700\$00.

São por êste meio citados os credores incertos do executado para deduzirem os seus direitos, sob pena de revelia.

Barcelos, 13 de Janeiro de 1936.

O Chefe da 2.ª secção,
Delfino de Miranda Sampaio

Verifique:

O Juiz de Direito,

A. de PalharesFalcão